

DA INVISIBILIDADE À LINHA DE FRENTE: TRABALHO DE CUIDADOS E COVID-19

*Vitória de Oliveira de Souza
Patrícia Mariano*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov17>

O trabalho dos cuidados é majoritariamente exercido por mulheres. Logo, em tempos pandêmicos, quando se fala em “linhas de frente”, torna-se importante destacar que a maior parcela da força de trabalho que atua no combate à pandemia é composta de mulheres. Considera-se aqui o trabalho de cuidado desde a atividade de cuidadoras de crianças ou idosos e empregadas domésticas, ao de enfermeiras, técnicas de enfermagem, médicas, fisioterapeutas e outras profissionais da saúde; desde o trabalho doméstico ao trabalho nos dispositivos de saúde como hospitais, centros de triagem, Unidades Básicas de Saúde. O trabalho de cuidado, nessa perspectiva, não pressupõe a existência de uma relação diretamente posta entre os sujeitos que cuidam e os que são cuidados, há de se considerar também trabalhos não remunerados.

De acordo com o Relatório da ONU “Mulheres no centro da luta contra a crise covid-19”, 70% de trabalhadores da saúde do mundo são mulheres, mesmo número encontrado na realidade brasileira, sendo que, especificamente na área da enfermagem, 85% da classe é composta de enfermeiras e técnicas de enfermagem, enquanto a classe médica é composta de 45,6% de mulheres. É nesse contexto que se estruturam categorias de trabalho na base da estratificação social e plenamente exercidas pelas mulheres. São trabalhos constantemente precarizados, subalternizados e que marcam os processos de adoecimento psíquico e físico dessas trabalhadoras.

Órgãos, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) apontam que a desigualdade afetará ainda mais as mulheres na pós-pandemia. A crise atinge fortemente àquelas que têm menos escolaridade, que estão em setores como serviços domésticos, sem nenhuma seguridade social, com pouca ou nenhuma proteção e expostas diariamente à insalubridade. Há também de se considerar

uma redução significativa na oferta de empregos, que antes eram ocupados por essas trabalhadoras informais. São essas fissuras, já existentes em tempos pré-pandêmicos, que estão sendo expostas neste momento de crise sanitária.

Pesquisadoras do campo do cuidado apontam para uma crise do cuidado na América Latina, considerado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), uma força de trabalho secundária e precarizada. Nesse sentido, torna-se ainda mais evidente a necessidade de considerar nos âmbitos públicos ou privados, as métricas de trabalho enfrentadas pelas mulheres e a política de presença enquanto forma de politizar o cuidado.

Por conseguinte, o que se propôs aqui foi uma breve problematização acerca da categoria de trabalho de cuidados, entrelaçando com o panorama atual da pandemia e os números que evidenciam essa maior invisibilidade este trabalho que é uma atividade essencial e que dá estrutura para suportar a crise que vivemos. Hoje, mais do que antes, as mulheres estão sustentando – e, conseqüentemente, adoecendo – um trabalho redobrado, em que não há uma delimitação entre trabalho e cuidado, entre trabalho e lar. Os trabalhos de cuidados são a base de sustentação da sociedade, sobretudo na pandemia.

REFERÊNCIAS

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Mulheres no centro da luta contra a crise covid-19*. 2020. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-covid19_LAC.pdf. Acesso em: 24 jul. 2020.